



**Universidade de Brasília**

**FACULDADE UnB PLANALTINA**

**CIÊNCIAS NATURAIS**

**DESENVOLVIMENTO ATÍPICO E INCLUSÃO:  
CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE  
CIÊNCIAS NATURAIS**

**AUTORA: BRENDA KEVELLYN DA SILVA SOUZA**

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> JULIANA EUGÊNIA CAIXETA**



**Universidade de Brasília**

**FACULDADE UnB PLANALTINA**

**CIÊNCIAS NATURAIS**

**DESENVOLVIMENTO ATÍPICO E INCLUSÃO:  
CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE  
CIÊNCIAS NATURAIS**

**AUTORA: BRENDA KEVELLYN DA SILVA SOUZA**

**ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> JULIANA EUGÊNIA CAIXETA**

*Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Banca Examinadora, como  
exigência parcial para a obtenção de título  
de Licenciada do Curso de Ciências  
Naturais, da Faculdade UnB Planaltina,  
sob a orientação do Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana  
Eugênia Caixeta.*

## **DEDICATÓRIA**

*À memória da minha Mãe, por tudo que  
sou hoje!  
Com a senhora, partilhei apenas o início  
desta caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por todas as bênçãos recebidas. Sem Ele, eu não conseguiria chegar até aqui.

Agradeço a minha família, por todo amor e compreensão e por sempre me apoiarem nas minhas escolhas.

Ao Lorenzo, pelas alegrias que só uma criança sabe nos proporcionar nos momentos mais difíceis e ao Júnior, pelo amor, compreensão e apoio incondicional. Vocês são tudo para mim! Obrigada por compreenderem o meu distanciamento nos momentos de maior desespero e por não deixarem que isso abalasse a nossa união.

Às minhas amigas, conquistadas nessa caminhada, por todos os momentos vividos: de alegria, de inúmeras risadas, de tristeza, de estudo, apoio, preocupação e noites em claro. Sem vocês, esse curso não teria sido tão maravilhoso!

A minha orientadora, Juliana Caixeta, exemplo de ser humano e de risada, por toda paciência e dedicação, não só neste trabalho, mas, em todos os momentos que tivemos juntas. Momentos de comidas maravilhosas!

A todos os professores do curso, que contribuíram de forma engrandecedora para a minha formação e pelo incentivo na procura de mais saber.

A todos que participaram desta investigação, contribuindo para a realização deste estudo.

A todos, que contribuíram para esse momento: meus familiares, meus amigos, da UnB ou não, professores!

Obrigada a todos vocês, por toda a força e apoio que me deram, por nunca terem desistido de mim e sempre estarem ao meu lado, mesmo quando eu não estava totalmente presente na vida de vocês.

# **DESENVOLVIMENTO ATÍPICO E INCLUSÃO: CONCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS NATURAIS**

## **RESUMO**

Crianças com desenvolvimento atípico são aquelas que têm algum comportamento fora dos padrões normais e que podem ter origens diferenciadas como deficiência intelectual e transtornos na aprendizagem. Atualmente, elas são escolarizadas na perspectiva da educação inclusiva. Um importante desafio da escola inclusiva é a formação de professores. O presente trabalho teve como finalidade verificar a percepção de graduandos/as do curso de Licenciatura em Ciências Naturais sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão. A pesquisa qualitativa foi realizada com 19 graduandos/as do curso de Licenciatura em Ciências Naturais por meio de aplicação de questionário semiaberto. A análise dos dados se deu pela análise temática dialógica. Os resultados foram agrupados em dois grandes núcleos: concepções de desenvolvimento atípico e de inclusão. Os(as) graduandos(as), de um modo geral, tinham um conceito restrito sobre o que realmente é inclusão e desenvolvimento atípico, como conceitos científicos, e que especificamente no curso de Licenciatura de Ciências Naturais não há muitas disciplinas que abordam esses temas, mas todos os participantes sabiam da existência de, pelo menos, uma disciplina que tratasse dos temas desenvolvimento atípico e inclusão. Contudo, a concepção dos(as) participantes é que as disciplinas sejam reformuladas para contemplar a prática docente.

Palavras-chave: inclusão, desenvolvimento atípico, licenciandos, ciências naturais.

## **1. INTRODUÇÃO**

Crianças com desenvolvimento atípico são aquelas que têm algum comportamento fora dos padrões normais e que podem ter origens diferenciadas como deficiência intelectual e transtornos na aprendizagem (ABREU, 2006). Atualmente, elas são escolarizadas na perspectiva da educação inclusiva.

Segundo Mantoan (2000), para ser inclusiva, a escola deve desenvolver estratégias pedagógicas para que o processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as com desenvolvimento atípico se torne possível, atendendo o ritmo e a diferença de cada um/a. Essas estratégias podem e devem considerar a reformulação dos currículos, adaptações de recursos, técnicas e avaliações para alunos/as com desenvolvimento típico e atípico e, principalmente, devem considerar o aperfeiçoamento dos/as profissionais envolvidos/as.

Pretendo, neste trabalho, identificar a visão dos/as graduandos/as do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade de Brasília campus Planaltina DF, sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão.

A escolha do tema se deu pela relevância que a inclusão tem na atualidade e, principalmente, pelas dificuldades encontradas pelos futuros professores, na sua formação acadêmica inicial, em compreender o processo de inclusão e como lidar com crianças com algum desenvolvimento atípico (LOPES, 2012). De modo geral, os professores não se sentem preparados para trabalhar com alunos com desenvolvimento atípico em suas salas de aula, assim sendo, os cursos de licenciatura seguem um modelo tradicionalista, onde não é possível suprir as necessidades a favor da educação inclusiva (GLAT; SANTOS; SOUSA; XAVIER, 2006).

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. O desenvolvimento atípico e as interações sociais**

O desenvolvimento atípico é definido como “o desenvolvimento de crianças que apresentam atrasos e/ou prejuízos em relação às crianças com a mesma faixa etária” (LEPRE, 2008, p. 28). Para Vygotsky (2011), a criança com desenvolvimento atípico apresenta, como sintoma primário, uma dificuldade real, relacionada a uma incapacidade ou a uma limitação biológica, por exemplo, não perceber estímulos visuais, no caso de pessoas cegas. No entanto, para o autor, o principal desafio da criança com desenvolvimento atípico se relaciona ao sintoma secundário, ou seja, à

exclusão que ela tende a sofrer por apresentar uma deficiência e/ou transtorno. Assim, a criança cega, por exemplo, pode não ser alfabetizada pela crença de que não é capaz. Com estas reflexões, Vygotsky (2011) evidenciou que o problema da deficiência não é a impossibilidade biológica de percepção, mas a exclusão social que dificulta essa pessoa de se inserir socialmente, aprender com seus pares e com os adultos que a cercam. Portanto, o autor conclui que o maior problema da deficiência é a deficiência social.

Para superar as deficiências biológicas, imputadas por doenças ou síndromes, Vygotsky (2011) explica que as crianças com algum desenvolvimento atípico devem interagir com crianças que estejam com desenvolvimento mais a frente e com adultos, permitindo troca de saberes e experiências, onde todos possam aprender juntos. Para Vygotsky (2011), às experiências sociais mobilizam competências capazes de superar as dificuldades resultantes dos sintomas primários das deficiências:

No decorrer da experiência, a criança aprende a compensar suas deficiências naturais; com base no comportamento natural defeituoso, técnicas e habilidades culturais passam a existir, dissimulando e compensando o defeito. Elas tornam possível enfrentar uma tarefa inviável pelo uso de caminhos novos e diferentes. O comportamento cultural compensatório sobrepõe-se ao comportamento natural defeituoso (CUNHA; AYRES; MORAIS, 2010, p. 65).

De acordo com a teoria da compensação, desenvolvida por Vygotsky (2011), uma criança com desenvolvimento atípico pode atingir o mesmo nível de desenvolvimento de uma criança normal, só que de maneira diferente, por outros meios. Logo, a teoria da compensação evidencia que “o desenvolvimento cultural é a principal esfera em que é possível compensar a deficiência. Onde não é possível avançar no desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural” (VYGOTSKY, 2011, p. 869).

Partindo desse pressuposto, entendemos que o maior desafio da sociedade e da escola inclusiva é o combate aos estigmas e preconceitos. São eles que permitem enquadrar as pessoas com desenvolvimento atípico em posicionamentos de incapacidade. Assim, crianças que apresentam desenvolvimento atípico tendem a ser estigmatizadas e, por consequência, excluídas da sociedade. De acordo com Goffman (2008), o estigma leva à exclusão e, quando um indivíduo é estigmatizado, ele é, automaticamente, excluído da sociedade, pois já não atende os padrões de normalidade que a sociedade estabelece. Contra os estigmas e a exclusão, Werneck (1997, p. 42)

sintetiza a ideia, afirmando que “[...] a inclusão vem quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados”.

Dessa forma, pode-se dizer que a inclusão se fundamenta na concepção de desenvolvimento interacionista (ARAÚJO, 2001), na qual, pela interação com os outros sociais e o meio, a pessoa pode se transformar. Para que ocorra o desenvolvimento dos fenômenos mentais, é necessária a convivência com os outros sociais imersos numa cultura. São essas interações que geram os contextos possíveis para o processo de aprendizagem. Na interação social, os diferentes saberes podem ser compartilhados. Dessa forma, o saber, que é da cultura ao qual eu faço parte, pode ser internalizado e se tornar meu, a partir da minha ação com o meio físico e social (VYGOTSKY, 2011).

## **2.2. A educação inclusiva e a inclusão na escola**

Na sociedade brasileira, o termo inclusão ainda desperta curiosidade, indiferença ou negação. Inclusão social é um posicionamento ideológico que embasa ações de confronto à exclusão social de pessoas de classes inferiores, com desenvolvimento atípico, idosos ou minorias raciais, entre outras. Assim, a conceitualização da inclusão social embasa um processo de atitudes afirmativas, públicas e privadas, no sentido de inserir em um contexto social mais amplo aqueles grupos ou populações marginalizadas historicamente ou em consequência de mudanças políticas radicais, sejam econômicas, tecnológicas, ou outras (SASSAKI, 1997).

No universo educacional, a educação inclusiva assegura a alunos com desenvolvimento atípico e típico a oportunidade de aprenderem uns com os outros, oportunizando a redução de estigmas e, conseqüentemente, de exclusão. Sua fundamentação é apresentada, claramente, na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que expressa que toda escola comum deve ser instrumentalizada em termos de recursos pedagógicos e de capacitação profissional para atender todos os alunos, independentemente de suas características físicas, psicológicas e/ou socioculturais.

Afinal, o princípio fundamental da escola inclusiva consiste na certeza de que todas as pessoas podem aprender juntas, onde seja possível. Neste contexto, entendemos que a educação inclusiva responde às necessidades diversificadas de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos, através de currículos e estratégias didáticas apropriadas, uso de recursos diversificados e parcerias com suas comunidades.



Considerando, especificamente, o desenvolvimento atípico, compreendemos que o processo de inclusão é um caminho árduo que só acontece com a participação de todos: pais, professores, filhos e demais membros da comunidade escolar (FURINI, 2006). Este trabalho coletivo garante o envolvimento de todo o suporte necessário para o processo de escolarização da pessoa com desenvolvimento atípico.

Na escola, para dar início ao processo de inclusão, faz-se necessária uma readaptação das estratégias de ensino, para se adequar aos diferentes tipos de necessidades específicas de aprendizagem dos alunos. Essas mudanças tendem a contribuir para o desenvolvimento de todos/as os/as estudantes na sala de aula. O processo inclusivo causa uma mudança expressiva de perspectiva educacional e de rotina escolar, pois não se trata de atuar somente com os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas com todos os alunos, por meio de uma rede de apoio que, também, envolve todos: professores, alunos, coordenadores pedagógicos, pais, para que obtenham sucesso no processo educativo geral. De acordo com Glat, Pletsch e Fontes (2007), o processo inclusivo é aquele que:

[...] se baseia justamente no pressuposto de que se a escola oferecer um currículo flexível e vinculado aos interesses individuais e sociais dos alunos, garantir acessibilidade de locomoção e comunicação em suas dependências, e desenvolver metodologias e práticas pedagógicas que atendam às demandas individuais, todos terão condições de aprender e se desenvolver juntos (p. 350).

Dessa forma, as escolas inclusivas precisam reconhecer e responder as necessidades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando a educação de qualidade para todos, mediante currículos apropriados. Enfim, o processo inclusivo assegura aos/às alunos/as, com desenvolvimento atípico ou não, a oportunidade de convivência e de cooperação intelectual.

### **2.3. A formação inicial de professores e a educação inclusiva**

A licenciatura é a categoria de curso superior responsável pela formação inicial de professores no Brasil. Assim, “as licenciaturas são cursos que, pela legislação, têm por objetivo formar professores para a educação básica: educação infantil (creche e pré-escola); ensino fundamental; ensino médio; ensino profissionalizante; educação de jovens e adultos; educação especial” (GATTI, 2010, p. 1359).

Para os/as estudantes das diversas licenciaturas há uma percepção de que as teorias educacionais estudadas em sala de aula não são integralmente aplicáveis no contexto da sala de aula, o que faz com que não se sintam preparados/as para enfrentarem as realidades da escola ao iniciar a atividade docente. Pilon (2011) expõe que a falta da discussão sobre os temas: diversidade e seu papel na sociedade, inclusão, necessidades educacionais especiais e sua relação com a mediação em sala de aula implica diretamente nessa insegurança na prática docente.

Desta forma, Esteves (2005, p.152) defende que é importante que “a formação inicial de professores seja reconceitualizada no sentido de preparar futuros profissionais autônomos, críticos e criativos, promotores do sucesso educativo dos alunos”. Para isso, é preciso que haja uma discussão e compreensão dos problemas educacionais pelas instituições de ensino superior, para, junto às políticas públicas, fazer uma reformulação dos currículos para um progresso na formação dos professores.

Contudo, ser um educador inclusivo requer o entendimento da diversidade, que, de acordo com Fernandes (2004, p.78), é “o conjunto das diferenças e peculiaridades individuais. Diversidade é esse conjunto de peculiaridades individuais que não se iguala, que é impossível padronizar, por mais que a sociedade deseje unificar”. Saber trabalhar com a diversidade é o ponto inicial para as transformações para que graduandos se tornem futuros professores inclusivos, criando, assim, uma atmosfera propícia à aprendizagem, tanto dos alunos com desenvolvimento atípico quanto daqueles que têm desenvolvimento típico.

#### **2.4. A formação inicial de professores de ciências na Faculdade UnB Planaltina e a educação inclusiva**

A Faculdade UnB Planaltina foi o primeiro campus na expansão da Universidade de Brasília. Iniciado em 2002, teve seu primeiro vestibular em 2006 para o curso de Licenciatura em Ciências Naturais e Bacharelado em Gestão do Agronegócio. Em 2007, foi iniciada a Licenciatura em Educação do Campo e em 2008 os cursos noturnos de Gestão Ambiental e Licenciatura em Ciências Naturais (UNB, 2013).

O curso de Licenciatura em Ciências Naturais tem como objetivo formar educadores para atuar nos anos finais do Ensino Fundamental, atendendo as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (BRASIL, 2013). Para tanto, o curso procura investir na autonomia do/a licenciando/a para que este/a possa investir na sua formação

continuada, para ser capaz de inovar e questionar os fenômenos educacionais típicos de sala de aula e da escola. Tendo uma visão mais geral e específica sobre os conhecimentos das Ciências da Natureza, o Projeto Político Pedagógico do curso de Ciências Naturais nos mostra que:

O curso pretende oferecer uma formação pedagógica voltada não só para os conteúdos específicos de ciências da natureza, mas também para a compreensão de que a construção do conhecimento é histórica, cultural, contextualizada e vai além do campo da ciência, visando à formação de um profissional com atuação ética e responsável na sociedade, com uma visão de ciência como construção humana, dentro de um contexto sócio-histórico e cultural (UNB, 2013, p. 24).

Por estar organizado a partir de disciplinas de três diferentes áreas do conhecimento: Exatas, Educação e Linguagens e Ciências da Vida e da Terra, seu currículo contempla disciplinas de educação, biologia, matemática, geologia, física e química. Dentre as disciplinas que se relacionam aos temas inclusão e desenvolvimento atípico, o currículo de Licenciatura em Ciências Naturais tem duas disciplinas: Libras e O Educando com Necessidades Especiais (UNB, 2013).

A disciplina Libras é uma disciplina obrigatória de 4 créditos, 60 horas, que tem o objetivo de introduzir o/a estudante na Língua de Sinais Brasileira e nos debates relativos à surdez e sua cultura. A disciplina Libras é obrigatória por força de lei e ela representa um grande avanço para a capacitação dos futuros professores. Assim sendo, os/as graduandos/as poderão conhecer um pouco as necessidades específicas de linguagem dos/das estudantes surdos/as e também contribuir para a inclusão destes/as no ambiente escolar e em suas salas de aula.

A disciplina O Educando com Necessidades Especiais é optativa e corresponde a 4 créditos no currículo, por ser de 60 horas. Tem como objetivo o conhecimento das necessidades educacionais especiais, programas de apoio às pessoas com desenvolvimento atípico e a atuação do/a professor/a diante das diversidades das deficiências, transtornos, síndromes e/ou altas habilidades.

Sobre a disciplina O Educando com Necessidades Especiais, Caixeta, Silva, Souza, Sampaio e Ferro (2011) nos mostram que:

[...] a Faculdade UnB de Planaltina optou por trabalhar os conteúdos da escola inclusiva de forma contextualizada ao fazer do professor na mediação do conteúdo de ciências para os alunos com e sem

deficiência. Nossa preocupação, então, era construir uma disciplina que superasse a pura teorização sobre os conceitos deficiência e inclusão e abarcasse uma proposta inovadora que contemplasse o desenvolvimento de habilidades específicas no que se refere à adaptação de materiais pedagógicos e estratégias para o atendimento da escola para todos (p. 12).

O curso de Licenciatura em Ciências Naturais, com essas disciplinas, demonstra oportunizar espaços formativos direcionados ao desenvolvimento atípico e à inclusão, com vistas à formação de professores/as de ciências naturais comprometida com o princípio da educação para todos.

### **3. OBJETIVOS**

Conhecer a percepção de graduandos/as do curso de Licenciatura em Ciências Naturais sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão.

### **4. METODOLOGIA**

De acordo com os objetivos, a metodologia utilizada foi a qualitativa, que, de acordo com Godoy (1995, p. 63), tem um interesse em “compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes”.

Ao fazer uso da abordagem qualitativa, o pesquisador terá um contato prolongado e diretamente ligado ao seu objeto de estudo. Além disso, o foco está no processo de pesquisa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Conseqüentemente, a metodologia qualitativa é a mais adequada para se investigar as percepções de licenciandos sobre o contexto da inclusão e do desenvolvimento atípico.

#### **4.1. Participantes**

O presente trabalho foi desenvolvido com 19 graduandos/as do sétimo ao nono semestre do curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília campus Planaltina DF. A idade dos participantes variou entre 20 e 48 anos, sendo 09 do sexo feminino e 10 do sexo masculino. Somente um dos participantes já tinha uma segunda graduação que é Letras.

#### **4.2. Instrumento de construção de dados**

Para a obtenção dos dados, foi construído um questionário semiaberto, tendo

como foco os objetivos da pesquisa e a literatura estudada. O questionário pode ser encontrado no anexo 01.

O questionário foi organizado de modo a reunir informações que possibilitassem conhecer as percepções dos discentes sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão, bem como investigar a importância de se estudar estes fenômenos no ensino superior.

#### **4.3. Procedimentos de construção de dados**

Em um primeiro momento, entrei em contato com alunos/as do curso de Licenciatura em Ciências Naturais. Neste contato, foram apresentados o objetivo da pesquisa e o método de construção dos dados. Caso os/as alunos/as concordassem em participar da pesquisa, era entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em pesquisa (ver anexo 02) e o formulário do questionário.

#### **4.4. Procedimentos de análise de dados**

Depois de aplicado todos os questionários, foi utilizada a técnica de análise temática dialógica (FÁVERO; MELLO, 1997), onde organizamos as falas dos/as participantes, de acordo com cada pergunta, em uma tabela dividida em: ‘discurso’, ‘proposição’ e ‘análise’, conforme o esquema abaixo:

Pergunta:

	Discurso	Proposição	Análise
Entrevistado 1			
Entrevistado 2			

De acordo com Fávero e Mello (1997, p. 133), “convertemos o conteúdo da fala/escrita transcrita em proposições que, em última análise, é o mesmo que extrair de uma forma linguística mais complexa os sentidos nela implícitos através de uma forma linguística mais simples: a frase afirmativa”.

### **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Apresentaremos os resultados, considerando três eixos temáticos, resultantes do processo de análise: concepções sobre o desenvolvimento atípico; concepções sobre inclusão e concepções sobre o estudo destas temáticas.

### 5.1. Concepções sobre o desenvolvimento atípico

Foram três núcleos de significados acerca das concepções sobre o desenvolvimento atípico, para os/as participantes: a) desenvolvimento fora dos padrões considerados normais; b) pessoas com deficiência e/ou transtornos e c) desenvolvimento cognitivo não adequado para a faixa etária.

As concepções nos levam a perceber que os/as graduandos/as têm definições incompletas a respeito do conceito científico de desenvolvimento atípico. O núcleo de significado que mais foge à conceituação científica é aquele que se refere ao desenvolvimento cognitivo não adequado para a faixa etária. Os dois outros núcleos de sentido se aproximam mais do conceito científico.

De maneira geral, os/as participantes concebem o desenvolvimento atípico interligado a deficiências físicas ou mentais que apresentam comportamentos e capacidades avaliadas como não comuns e que tem consequências diretas no processo de ensino e aprendizagem dos indivíduos que possuem este desenvolvimento.

A primeira concepção: “Desenvolvimento fora dos padrões considerados normais” nos permite perceber que os/as participantes compreendem que os padrões são construções sociais e que pessoas com desenvolvimento atípico são aquelas fora desses padrões.

*“Pelo sentido da palavra (atípico) onde temos o “prefixo a” que se refere a negação, e a palavra típico que é algo comum, um tipo. Então significa contra o tipo.”(Participante 19).*

*“Todo aquele comportamento, atitude, ação que vai contra uma grande maioria já estabelecida. Ou seja, desenvolver algo que não seja tão comum, sendo em alguns casos inédito.” (Participante 12)*

Vygotsky (2011) explica, em sua teoria, que o desenvolvimento atípico não se refere apenas às limitações biológicas, porque elas, sozinhas, não determinam tal desenvolvimento, mas sim às limitações sociais, porque a sociedade gera estereótipos para inferiorizar as pessoas com deficiências, transtornos e/ou síndromes. Assim, a sociedade impõe, por meio da cultura, o que é ou não considerado ‘normal’, e um indivíduo com desenvolvimento atípico sendo ele uma deficiência física, uma superdotação e/ou deficiência intelectual é diretamente atingido pelos estigmas construídos pela sociedade e pela própria cultura (GOFFMAN, 2008).

O núcleo de significado: “Pessoas com algum tipo de deficiência e/ou

transtornos” expressa que têm desenvolvimento atípico aquela pessoa e somente aquela que apresenta alguma deficiência. Portanto, as pessoas com altas habilidades, por exemplo, não estariam contempladas neste tipo de desenvolvimento.

*“Pessoas que possuem alguma deficiência e/ou transtorno.” (Participante 5)*

*“São alguns tipo de transtornos, como autismo, síndrome de Down e etc. Neste caso, são crianças diagnosticadas com esses transtornos.” (Participante 18)*

Esta concepção parece evidenciar que o nome desenvolvimento atípico se relaciona a alguma limitação de natureza biológica. Novamente, é importante lembrar que a limitação de natureza biológica não impede que a pessoa consiga aprender e se desenvolver. Pela Lei da Compensação de Vygotsky (2011), temos que:

(...) o defeito produz obstáculos e dificuldades no desenvolvimento e rompe o equilíbrio normal, ele serve de estímulo ao desenvolvimento de caminhos alternativos de adaptação, indiretos, os quais substituem ou superpõem funções que buscam compensar a deficiência e conduzir todo o sistema de equilíbrio rompido a uma nova ordem (p. 869).

A concepção que menos se aproximou do conceito científico de desenvolvimento atípico foi “Desenvolvimento cognitivo não adequado para a faixa etária”. Isto porque centrou a definição de desenvolvimento atípico apenas no desenvolvimento cognitivo, sendo que a cognição é um aspecto do desenvolvimento humano, não o único.

*“Quando o indivíduo não alcança o desenvolvimento psicológico ou cognitivo da sua faixa etária.” (Participante 7)*

*“Desenvolvimento atípico é quando o desenvolvimento do aluno é mais rápido ou lento em comparação a outros indivíduos com mesmo estágio.” (Participante 13)*

Lepre (2008) explica que para haver um diagnóstico de desenvolvimento atípico, é preciso considerar vários aspectos do desenvolvimento humano:

Algumas vezes, o desenvolvimento de uma criança não ocorre da maneira considerada padrão e, por meio da observação e da comparação com o desenvolvimento da maioria das crianças, podemos verificar alguns comportamentos que se desviam, diferenciam-se dos chamados padrões de normalidade. Quando um atraso no desenvolvimento físico, mental, emocional ou um comportamento

atípico é observado, é sempre importante informar os pais e encaminhar para um especialista para o diagnóstico correto. É ele quem confirmará ou não a suspeita de um problema (p. 30).

Com relação às três concepções, percebemos que aqueles/as participantes que tiveram experiência em alguma disciplina do curso sobre inclusão e desenvolvimento atípico, conseguiram desenvolver suas respostas de maneira mais aproximada ao conceito científico, por exemplo, no texto escrito pela participante 11:

*“Desenvolvimento atípico ocorre quando os educandos se encontram a margem da zona de aprendizagem, isto é, são educandos com tempos e formas diferentes de aprendizagem.”* (Participante 11)

*“Cheguei a essa compreensão com as disciplinas sobre educação a graduação e com minhas vivências nos estágios supervisionados.”* (Participante 11)

## **5.2. Concepções sobre inclusão**

Em relação à inclusão, foram construídas dois núcleos: a) confundir com integração e b) compreensão as diferenças.

Muitos participantes ainda não internalizaram o conceito científico de inclusão e usam o termo integração como se fosse inclusão. Mantoan (2004) explica que há uma diferença grande entre incluir e integrar. E a diferença não é de prática, mas é de concepção de educação. Na integração, o/a aluno/a com desenvolvimento atípico é capaz de ir do ensino especial ao ensino regular, porém não tem o atendimento educacional especializado garantido para a permanência na escola. Na integração, a escola não se adapta ao/a aluno/a, mas sim o/a aluno/a que tem que se adaptar à escola.

Na concepção confundir com integração, os/as participantes enunciaram que, para eles/as, inclusão é colocar pessoas com desenvolvimento atípico em grupos de pessoas ditas “normais”, para combater a exclusão.

*“É o processo de inserção de pessoas com diferenças, que causam exclusão, no meio de pessoas ditos normais.”* (Participante 3)

*“É quando inserimos pessoas especiais em nosso cotidiano”.* (Participante 15)

Na segunda concepção “Compreensão das diferenças” ficou explícita que as diferenças que cada ser humano possui não podem interferir em suas relações com o meio e nem com o desenvolvimento de ensino-aprendizagem. É preciso que as pessoas



se sintam parte do ambiente, em equidade de possibilidades para exercerem seu potencial.

*“Acolher a todos sem exceção, entender e compreender as diferenças. Significa empoderamento, pertencimento.” (Participante 5)*

*“Inclusão é o processo de incluir educandos atípicos no ensino regular, isto é, proporcionar aos educandos especiais rompimento do modelo de segregação ao qual se encontram durante muitos anos.” (Participante 13)*

*“Você incluir é dar meios para que a inclusão ocorra e a pessoa se sinta inclusa de verdade.” (Participante 16)*

Na inclusão, a diferença faz parte do nosso tecido social. Ela é valorizada e respeitada. Na inclusão, não importa que tipo de aluno/a é, todos/as, sem exceção, tem direito de frequentar o ensino regular. A inclusão, ao contrário da integração, a escola é se reestrutura para fazer com que, de maneira democrática, os/as alunos/as, independentemente de suas diferenças, possam ser não só aceitos/as como também respeitados/as. Mantoan (2004) reafirma:

(...) a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas envolve todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos, mas todos sabemos que a maioria dos que fracassam na escola são alunos que não vêm do ensino especial, mas possivelmente acabarão nele (p .40)

Com relação às duas concepções, percebemos que aqueles/as participantes que tiveram experiências acadêmicas a partir de vivências e leituras sobre inclusão em disciplinas cursadas na graduação ou por participação em projetos conseguiram desenvolver conceitos mais elaborados sobre inclusão:

*“É o processo de inserção de pessoas com diferenças, que causam exclusão, no meio de pessoas ditos normais. Indo pela ideia que inclusão é o oposto a exclusão.” (Participante 3)*

*“O sentimento de pertencimento na sociedade, independente de possuir alguma deficiência. Depois de cursar disciplinas de educação e participar de projetos essa definição ficou mais clara. A inclusão é para todos.” (Participante 7)*

*“Inclusão é o ato de tornar possível a convivência de alunos com desenvolvimento atípico com alunos da educação normal. Com disciplinas da graduação voltadas para educandos com necessidades especiais.” (Participante 11)*

### **5.3. Concepções sobre importância de se estudar inclusão e desenvolvimento atípico na graduação**

Todos/as os/as graduandos/as, que participaram da pesquisa, acham de suma importância estudar os termos inclusão e desenvolvimento atípico na graduação.

*“A formação docente necessita de disciplinas voltadas para a educação especial. Quando o futuro docente chegar em sala de aula (regular) e se deparar com educando atípico (provindo ou não da inclusão).” (Participante 13)*

A partir desta constatação, agrupamos em dois núcleos os motivos que os levaram a essa concepção: Formação de futuros professores e Aprender a lidar com as diferenças em sala de aula.

O núcleo Formação de futuros professores demonstra que os/as graduandos/as tem uma preocupação com a atuação docente. Se tiverem acesso ao conhecimento científico sistematizado sobre inclusão e desenvolvimento atípico, eles/as terão condições de desenvolver estratégias de ensino que prevejam adaptações: curriculares, de recursos didáticos, de avaliações, entre outras, com o objetivo final de mediar melhor o conhecimento para os/as futuros/as alunos/as.

*“Curso de formação de professores que em algum momento terão alunos múltiplas deficiências e o professor tem que estar preparado.” (Participante 12)*

*“Não vamos ter um modelo de sala de aula perfeito na vida real e precisamos ter conhecimento sobre como lidar com as adversidades.” (Participante 03)*

Há, também, uma preocupação dos/as licenciandos/as com o ensino para todos/as os/as estudantes neste núcleo de significados. É interessante que os/as graduandos/as que se preocupam com todos/as os seus/as suas estudantes futuros/as são aqueles/as que participaram de algum projeto, disciplina ou experiência com estudantes com desenvolvimento atípico:

*“Totalmente por ser um curso de licenciatura isso é de suma importância de ser estudado e o graduando precisa ter esse conhecimento para lidar com todos os alunos.” (Participante 18)*

*“Como futuro professor, quero ajudar a todos os alunos.” (Participante 17)*

Ao exprimirem preocupações com uma formação docente que garanta contextos pedagógicos de formação para a educação inclusiva, os/as participantes parecem apontar para uma preocupação com uma atuação ética, que se relaciona não só a técnicas, mas também a ser professor/a:

*“Acredito que estudar as diferenças seja a solução para uma educação justa, igualitária e de qualidade. Saber que as diferenças devem ser tratadas com diferencial, não exclusão e preconceito.” (Participante 06)*

*“A formação docente necessita de disciplinas voltadas para a educação especial. Quando o futuro docente chegar em sala de aula (regular) e se deparar com educando atípico (provindo ou não da inclusão).” (Participante 13)*

Sobre esta questão, Pillon (2011) reflete:

Se entendemos que “os professores partilham não apenas o que sabem, mas aquilo que são”, e que “ a formação terá de ser mais uma manifestação de desenvolvimento do que um pretexto para ensinar a ensinar”, como descreveu Pacheco (2008, p. 80), damos conta da importância dessa formação no ensino superior se construir de modo a criar espaço para o crescimento pessoal, bem como para o fortalecimento do compartilhar e da troca nos inter- relacionamentos (p. 16).

A formação inicial e continuada dos/as graduandos/as deve ser sempre repensada para que o currículo se adéque de acordo com as modificações que ocorrem na sociedade e no ambiente escolar, de modo a atender todas as diversidades presentes em sua sala de aula.

O núcleo “Aprender a lidar com as diferenças em sala de aula” congrega a expectativa do fazer pedagógico em sala de aula. Os/as participantes compreendem que a formação docente precisa ser capaz de instrumentalizá-los/as para o fazer docente.

*“Como futuros docentes é de suma importância estarmos preparados a lidar com todos os tipos de alunos e situações, a fim de que tanto para o professor quanto para o aluno possa desfrutar*

*de um conhecimento e vivência completa com qualquer tipo de aluno e seres humanos.”(Participante 10)*

*“Pois é necessário estar preparado para saber como lidar com essas questões, pois como futuro educador devemos ser exemplo e buscar sempre por mudanças.” (Participante 19)*

Sobre a formação de professores/as para a escola inclusiva, Mantoan (2004) explica que não é apenas curso de formação técnica que garantirá as competências necessárias para a atuação em salas de aula concretizadas pela diversidade. É necessária uma formação humana, ética, que se relacione à pessoa do/a professor/a e ao seu desejo de partilhar. Neste processo, é fundamental que o/a professor/a, esteja ele/a em formação inicial ou não, seja incluído em processos educacionais fundamentados no respeito à diversidade (SANTIAGO, 2004).

Nesse contexto, para saber lidar com a diversidade em sala de aula, é muito importante que o/a professor/a esteja preparado/a para acolher os/as alunos/as, ouvindo suas histórias e compreendendo suas necessidades. Uma maneira de se desenvolver estas competências na universidade é a partir do diálogo, no ambiente acadêmico, sobre ser professor/a, sobre os desejos de atuação que estão ou não presentes em si e, também, sobre as possíveis dificuldades que esse/a professor/a pode enfrentar em sala de aula. Neste sentido, é indispensável além do/a docente, que toda a instituição universitária assuma uma postura inclusiva.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desta pesquisa foi conhecer a percepção dos/as graduandos/as de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão. Os resultados evidenciaram que os/as graduandos/as, de um modo geral, tinham um conceito incompleto sobre inclusão e desenvolvimento atípico quando comparados aos conceitos científicos. Contudo, todos/as os/as participantes sabiam da existência de, pelo menos, uma disciplina e/ou projeto que tratasse dos temas desenvolvimento atípico e inclusão. Inclusive, foi identificado que estudantes, que já tiveram participação em disciplinas, projetos ou vivências formativas sobre inclusão e desenvolvimento atípico, apresentaram concepções mais elaboradas no sentido de contemplarem elementos conceituais fundamentais para desenvolvimento atípico e inclusão: diversidade, compensação e construção social.

Esta pesquisa continua apontando para a necessidade de formação e informação

dos/as profissionais da educação acerca das questões ligadas à inclusão e ao desenvolvimento atípico, principalmente, no que se refere às políticas públicas, práticas de ensino, ética profissional e identidade docente. Cursos de formação que se centrem em nomear e, apenas, caracterizar as deficiências, transtornos, síndromes e/ou altas habilidades podem não ser suficientes para capacitar profissionais de educação competentes para promover uma educação inclusiva e de qualidade. Para isto, é necessária a compreensão do que é diversidade e que ela favorece o processo de ensino e aprendizagem de cada aluno/a.

Sendo a política da educação inclusiva uma realidade nas políticas públicas atuais, a formação de professores deve ser prioritária, pois este profissional é protagonista na concretização efetiva de uma escola inclusiva. A falta de contato com os conceitos científicos inclusão e desenvolvimento atípico, na formação de futuros/as professores/as, que poderão vir a trabalhar para a inclusão de alunos/as com desenvolvimento atípico, pode fundar uma barreira na implementação da educação inclusiva. Aconselha-se que se continue a realizar e a aprofundar estudos na área da formação dos professores para a educação inclusiva de alunos/as não só com desenvolvimento atípico, mas para todos/as os/as alunos/as, sem distinção, respeitando suas diversidades.

## **7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, M. C. F. **Desenvolvimento de conceitos científicos em crianças com deficiência mental.** [Dissertação] Mestrado, Universidade Católica de Brasília, Brasília.

ARAÚJO, C.M.M. de. Oficina Psicopedagógica 2: Concepções de desenvolvimento e a aprendizagem. **Em Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar**, GESTAR/MEC, 2001.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAIXETA, J. E.; SILVA, T. R.; SOUZA, H. S.; SAMPAIO, L. F.; FERRO, A. R. Formação de Professores de Ciências: Experiência da Disciplina Educando com

Necessidades Especiais na X Semana de Extensão da Universidade de Brasília. **XI Congresso Iberoamericano de Extensão Universitária**. Santa Fé, Argentina. 2011

CUNHA, N. V. S.; AYRES, N.; MORAES, B. A teoria da compensação em Adler e em Vygotsky. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**. Ano 2, Número especial, p. 61-71. Dezembro 2010.

ESTEVES, M. **A Investigação enquanto estratégia de formação de professores**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. 2005.

FÁVERO, M. H.; MELLO, R. M. Adolescência, Maternidade e Vida Escolar: A Dificil Conciliação de Papéis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**., v. 13, n. 1, p. 131-136, 1997.

FERNANDES, I. A questão da diversidade da condição humana na sociedade. **Revista ADPPUCRS**, Porto Alegre, nº. 5, p. 77-86, dez. 2004.

Disponível em: <<http://www.adppucrs.com.br/informativo/questaodadiversidade.pdf>>.

FURINI, A. B. Processo de inclusão na escola regular: Panorama de percepções. **Revista do Centro de Educação**, nº 28, 2006.

GATTI, B. A. Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.

GLAT, R.; PLETSCH, M. D.; FONTES, R. S., **Educação inclusiva e educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade**. Santa Maria, v. 32, n. 2, p. 343-356, 2007.

GLAT, R.; SANTOS, M. P.; SOUSA, L. P. F.; XAVIER, K. R. Formação dos professores na educação inclusiva: Diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Anais do XIII ENDIPE- XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. Recife – Pernambuco. 2006.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: Uma revisão

histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 2008.

LEPRE, R. M. **Desenvolvimento humano e educação: diversidade e inclusão**. Bauru: MEC/FC/SEE, 2008.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M.T.E. Educação para todos: desafios, ações, perspectivas da inclusão nas escolas brasileiras. **Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins**, Campinas, SP, v.1, n.3, jun. 2000.

MANTOAN, M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, v. 8, n. 26, p. 36-44, 2004.

PILON, E. **A graduação em pedagogia e o aprendizado sobre deficiências e inclusão**. 2011. 34 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Brasília, 2011.

SANTIAGO, S. A. da S. Mitos e verdades que todo professor precisa saber: Reflexões sobre a prática pedagógica na perspectiva da inclusão. **Construir Notícias**, 16, 2004. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=657> Acesso em: 08 de Abril de 2013.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades**

**Educativas** Especiais. Brasília: CORDE, 1994.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Plano Político Pedagógico**. Curso de Licenciatura em Ciências Naturais. Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, 2013.

VYGOTSKY, L. S. A Defectologia e o Estudo do Desenvolvimento e da Educação da Criança Anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.



## ANEXOS

### Anexo 1: Questionário



**UnB/Universidade de Brasília**  
FUP/Faculdade UnB Planaltina

### QUESTIONÁRIO

Prezado/a estudante,

sou aluna da Faculdade UnB Planaltina e estou fazendo uma pesquisa sobre a percepção dos/as estudantes de ciências naturais sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão. Esta pesquisa é orientada pela professora Juliana Caixeta. Pedimos sua ajuda para responder este questionário de maneira individual. Abaixo, algumas orientações:

- ✓ Fique à vontade para responder ao questionário, seja o mais verdadeiro possível.
- ✓ A participação na pesquisa é voluntária, contudo, a sua participação é importante.
- ✓ Considerando a importância do sigilo, você não deve registrar seu nome no questionário.
- ✓ Leia com atenção as perguntas.

Desde já, agradeço sua participação!

Brenda Kevellyn....

1. O que você entende por desenvolvimento atípico?

---

---

---

---

2. Pode me contar como chegou a esta compreensão sobre o desenvolvimento atípico?

---

---

---

---

3. O que você entende por inclusão?

---

---

---

---

4. Pode me contar como chegou a esta compreensão sobre inclusão?

---

---

---

---

5. Você acha importante estudar inclusão e desenvolvimento atípico na graduação? Justifique sua resposta.

Sim  Não

---

---

---

---

Agora, algumas perguntas sobre você, para caracterização dos/as participantes da pesquisa:

a) Você já estudou esses conceitos em alguma disciplina do curso de Ciências Naturais?

Sim  Não

Se sim, quais disciplinas?

---

---

---

---

Se não, você sabe de alguma disciplina do curso em que poderia aprender sobre estes conceitos?

---

---

---

b)Sexo:  Feminino  Masculino

c) Quantos anos? \_\_\_\_\_

d)Semestre:\_\_\_\_\_

e)Já possuí alguma graduação?  Sim  Não

Se sim qual? \_\_\_\_\_

f) Você já desenvolveu alguma prática docente em escola?  Sim  Não

Se sim, havia na turma algum/a estudante com desenvolvimento atípico?  Sim  Não

Pode nos contar como foi a experiência? (Por favor, informe qual a categoria da

deficiência e/ou transtorno do/a estudante).

---

---

---

---

---

---

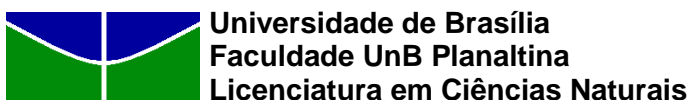
---

---

**Agradecemos sua participação nesta pesquisa!**

Se quiser saber o resultado, contate-nos por meio do email: [brekevellyn@gmail.com](mailto:brekevellyn@gmail.com)

## Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: *“Concepções dos alunos de Ciências Naturais sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão”* desenvolvida pela aluna Brenda Kevellyn da Silva Souza<sup>1</sup> sob orientação da professora Juliana Eugênia Caixeta<sup>2</sup> que deverá ser apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB).

Esta pesquisa tem como objetivo a partir dos conceitos de inclusão e desenvolvimento atípico, identificar a visão dos/as graduandos/as de ciências naturais sobre o desenvolvimento atípico e o processo de inclusão. Para a coleta de dados será feita um questionário semiestruturado com o aluno de Ciências participante da pesquisa.

É importante ressaltar que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo (a). Sua participação é de caráter voluntário e em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

Assim, tendo compreendido a natureza e o objetivo do estudo, a proposta e os procedimentos envolvidos, e tendo havido tempo suficiente para pensar a respeito da autorização de participação na pesquisa, solicito o seu consentimento, livre e espontâneo, expressando seu interesse e autorização.

Eu, \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa e assino de livre e espontânea vontade este termo de consentimento.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante

Obrigada pela sua participação e Colaboração no nosso projeto de pesquisa!

<sup>1</sup>Aluna pesquisadora Brenda Kevellyn da Silva Souza

E-mail: brekevellyn@gmail.com

<sup>2</sup>Profª Orientadora: Juliana Eugênia Caixeta

E-mail: eugenia45@hotmail.com